



CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA
GABINETE DA VEREADORA BÁ

REQUERIMENTO Nº

4647

"Requerer que seja efetuada a transcrição para os anais desta casa legislativa municipal, da matéria "Fortaleza registra 50 casos de abuso sexual neste ano " Publicada no diário do Nordeste, edição de 16 de outubro de 2013.

EXMº SR. PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA.

A Vereadora Lucimar Martins Bá vem a presença de vossa excelência, requerer que seja efetuada a transcrição para os anais da Câmara Municipal de Fortaleza da matéria " "Fortaleza registra 50 casos de abuso sexual neste ano "publicada no jornal Diário do Nordeste, edição de 16 de outubro de 2013.

" Coordenadoria para promoção e cidadania de direito humanos da prefeitura contabiliza as denúncias na capital "

Departamento Legislativo, em 16 de OUTUBRO de 2013.

LUCIMAR MARTINS (BÁ)
Vereadora do PTC

Rua Dr. Thompson Bulcão, 830 Gab. 31 – fone: 3444 8310 Bairro: Luciano Cavalcante

DEPTO. LEGISLATIVO
RECEBIDO

16 OUT. 2013

Q.40 h Nº de fls. 01
Servidor *Kottu*

CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Fortaleza registra 50 casos de abuso sexual neste ano

Coordenadoria para Promoção e Cidadania de Direitos Humanos da Prefeitura contabiliza as denúncias na Capital

IVNA GIRÃO
Repórter

O garoto João (nome fictício), 10, não quer mais saber do antigo colégio, teme sair de casa, pode até perder o ano letivo. Há uma semana, diz ter sido vítima de violência sexual dentro da própria escola, no bairro Presidente Kennedy. Conforme a família, ele foi agredido, cercado por cinco meninos (entre 11 e 12 anos) que lhe tiraram a roupa, tocaram as partes íntimas, deixando marcas na pele e na alma. A direção nega a violência, diz que tudo não passou de "brincadeira de mau gosto". Mas, qual o limite entre brincar e violentar?

O caso de João não é único. Conforme dados da Coordenadoria para Promoção e Cidadania

de Direitos Humanos da Prefeitura, foram contabilizadas 50 denúncias de abuso sexual contra crianças e adolescentes de janeiro a setembro de 2013 na Capital.

"Não foi a primeira vez. Esses meninos não me deixam em paz, viviam me batendo e soltando piadas. Estou com muito medo, com vergonha e raiva", diz João, encubulado, retraído. A criança conta que os supostos agressores estavam munidos com cabos de vassouras para dar seguimento ao abuso sexual.

A avó da criança agredida, Maria José (nome fictício), que cuida do garoto, reclama da falta de assistência, denuncia que a escola foi desatenta, negligente. O menino deixou a unidade e até agora, diz ela, não recebeu nenhuma atenção psicológica.

"Isso não poderia ter acontecido ainda mais em um colégio. Não protegem os nossos filhos? Acaba a confiança, gera incerteza". Ela diz que o garoto não se alimenta bem, está tendo pesadelos e tem chorado bastante.

A avó de um garoto, que diz ter sido agredido, reclama da falta de assistência e denuncia que a escola foi desatenta, negligente

Na rua onde o menino mora, o assunto ganhou destaque, vizinhos se dizem revoltados. Outras famílias reclamam da falta de segurança até nas escolas. O tema do bullying preocupa.

Mau gosto

Em contato com a Secretaria Municipal de Educação (SME), o órgão não se pronunciou sobre o caso e informou que apenas a diretoria do colégio responde pelo assunto. O gestor da escola pública, situada no bairro Presidente Kennedy, Francisco Teixeira, disse ter tomado conhecimento do caso. Mas explicou que tudo não passou de um mal enten-



Especialista informa que a violência sexual não pode ser reduzida a um ato que se julga mais grave, como um estupro FOTO: AL EX COSTA

dido, foi uma "brincadeira de mau gosto". Durante a manhã de ontem, recebeu os pais dos alunos que supostamente cometeram a agressão, conversou, mas não informou nada sobre possíveis punições.

"Já comunicamos o caso ao Conselho Tutelar e estamos tomando providências. Só reforço, não houve nenhuma violência sexual e nem um estupro, tudo é boato", relata o diretor.

Ainda segundo Teixeira, os casos de bullying são, sim, comuns

nas escolas. "Mas, estamos trabalhando com esse assunto, fazendo ações de educação e prevenção. Temos contatos diretos com as famílias".

Para Luciana Brilhante, assessora política pedagógica da Organização Não-Governamental (ONG) Diaconia, a escola não pode ser omissa nesses casos e pode até ser responsabilizada pelo ato. Independentemente da gravidade, há, segundo Luciana – baseada nos relatos sobre o caso –, um ato, sim, de violência

sexual e a direção não poderia nunca tratar como uma simples "brincadeira de mau gosto" ou bullying.

"A violência sexual não pode ser reduzida a um ato que se julga mais grave, como um estupro. Já se configura como tal com a agressão verbal. A escola deveria ter sido primeira a alertar os pais e tomar medidas".

Rede pública

João Cals, titular da Coordenadoria para Promoção e Cidadania da Secretaria de Direitos Humanos de Fortaleza (SDH), reconhece a capacidade de proteção das escolas e afirma: há, sim, uma grande vulnerabilidade nas unidades públicas. "Temos trabalhos constantes nas escolas, rodas de conversas, ações de prevenção. Mas, o bullying tem crescido muito. Estamos agindo e coibindo", diz.

Dados mais recentes de abuso e exploração no Ceará apontam para um aumento nas notificações entre os meses de janeiro a maio de 2013. Só neste ano, o Disque 100, da Secretaria Nacional de Direitos Humanos recebeu 524 denúncias; desses, 253 em Fortaleza. As notificações aumentaram 19,8% em relação ao mesmo período do ano passado (338) e chegaram a 405. Já o número de denúncias de crianças e adolescentes explorados sexualmente chegou a 119.

Isso coloca o Estado do Ceará em 10º no ranking nacional em número de notificações. Entidades criticam a pouca atenção dada às ações de proteção da população que é vítima de abuso e exploração.